

Quem são os desempregados em Portugal?

O primeiro gráfico que acompanha este artigo fala por si: o número de pessoas desempregadas está em níveis historicamente baixos (excluindo o período da pandemia que distorce os dados).¹ Com um nível tão baixo de desemprego, importa questionar: quem são os indivíduos que estão desempregados?

A probabilidade de um desempregado ser mulher é ligeiramente mais elevada do que ser homem: no primeiro semestre do ano, mais de metade dos desempregados em Portugal era do sexo feminino (52%), com a taxa de desemprego das mulheres a situar-se nos 7,0% (face a 6,4% no caso dos homens), ou seja, acima da taxa de desemprego média registada no semestre (6,7%).

Olhando para a desagregação por grupo etário, verifica-se que a larga maioria dos desempregados tem entre 25 e 54 anos (representam cerca de 62% do total de desempregados). Adicionalmente, 19,6% dos desempregados são jovens (16-24 anos) e os indivíduos mais velhos (55-74 anos) representam 18,7%. No entanto, a taxa de desemprego entre os mais jovens é substancialmente mais elevada do que nos restantes grupos etários, um comportamento representado no segundo gráfico. De facto, na primeira metade do ano, a taxa de desemprego dos mais jovens (dos 16 aos 24 anos) era de 18,4%, bastante superior à taxa de desemprego total no período (6,7%). Ou seja, o desemprego jovem era 2,8 vezes mais elevado do que o desemprego total nos primeiros seis meses do ano. Estes valores ficam acima do verificado para o conjunto dos países da Zona Euro (2,0 no 1T 2023, dados disponíveis à data da elaboração deste artigo). O que poderá justificar que a taxa de desemprego jovem seja tão elevada?

Apesar da expressiva melhoria das qualificações dos jovens nos últimos anos, é possível que continue a haver um desajustamento entre as qualificações que as empresas procuram e as competências dos jovens ou até escassez de oportunidades de trabalho para jovens mais qualificados. Ao mesmo tempo, a melhoria das qualificações poderá ter aumentado a participação de jovens mais qualificados em sectores ou atividades que antes eram desempenhadas por jovens com menos qualificações, empurrando estes para o desemprego.² Uma outra explicação

1. Durante a pandemia, com as restrições de mobilidade, o encerramento de serviços públicos de emprego e das próprias empresas, a par da necessidade de ficar em casa a cuidar de familiares, os indivíduos desempregados não puderam procurar ativamente emprego e/ou não estavam disponíveis no imediato para trabalhar, condições primordiais para se ser considerado desempregado. Assim, uma parte dos indivíduos desempregados foi considerada como população inativa. De recordar que a taxa de desemprego no 2T 2020 caiu de 6,8% para 5,7%, com a população inativa com mais de 16 anos a aumentar 5,6% em cadeia (+209.000 indivíduos, face a uma média de +8.000 indivíduos no 2T).

População desempregada em Portugal

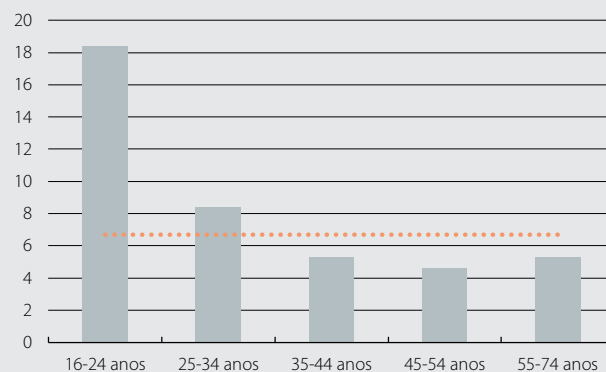
(Mil indivíduos)



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

Taxa de desemprego por grupo etário *

(%)



Nota: * Média registada no primeiro semestre de 2023. A linha a tracejado representa a taxa de desemprego total do período.

Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

pode estar relacionada com a qualidade do emprego: quase 54% dos jovens trabalhadores tinham um contrato de trabalho precário no 1T (face a cerca de 48% na Zona Euro), substancialmente superior ao registado para o conjunto da população empregada (14,6%), tornando-os mais vulneráveis à conjuntura económica. De realçar que os contratos precários, para além dos impactos na vida pessoal dos jovens (por exemplo, na saída de casa dos pais),

2. Para mais informações, ver «Livro Branco: Mais e melhores empregos para os jovens 2022», da Fundação José Neves. Em 2022, a taxa de sobrequalificação era de cerca de 15%, ou seja, cerca de 15% das pessoas com o ensino superior estava a desempenhar uma atividade que não exigia um nível de escolaridade tão elevado. Esta percentagem é muito distinta entre os sectores: por exemplo, no sector do alojamento & restauração, a percentagem atinge cerca de 51%, enquanto nas atividades profissionais, científicas & técnicas a percentagem é de apenas cerca de 3%. Para mais informações sobre este tema, ver Pimenta, A. e Pereira, M.C. (2019). «Desajustamento entre escolarização e ocupações dos trabalhadores portugueses: uma análise agregada». Banco de Portugal.

têm também impacto na formação, uma vez que estes vínculos são, muitas vezes, excluídos dos planos de formação das empresas, o que, em caso de desemprego, pode dificultar a sua reinserção no mercado de trabalho.³ Por fim, a falta de experiência profissional dos indivíduos mais jovens pode também ser uma explicação.

No que diz respeito ao nível de escolaridade, a maior parte dos desempregados tem o ensino secundário e pós-secundário concluído (representavam mais de 38% dos desempregados no primeiro semestre), com a taxa de desemprego a atingir os 8,0% neste grupo, acima da taxa total. Este contexto pode ser explicado pelo já mencionado *mismatch* entre as competências procuradas pelas empresas e as adquiridas pelos indivíduos ou também a escassez de trabalho para indivíduos mais qualificados, isto num contexto em que, por exemplo, cerca de 14% das vagas de emprego por preencher se encontram no sector das atividades administrativas & serviços de apoio, um sector tipicamente associado a tarefas de menor exigência educativa.⁴

Ao mesmo tempo, a larga maioria dos desempregados em Portugal (61%) está desempregada há menos de 12 meses, mas o peso do desemprego de muito longa duração (mais de 24 meses) é muito expressivo (25%). Na verdade, olhando para o conjunto dos países da UE para os quais existe informação,⁵ Portugal ocupava a 6ª posição dos países com maior percentagem de desempregados de muito longa duração. Porque é revelante a duração do desemprego?

Num focus anterior, quando analisámos o aparente paradoxo que existe no mercado de trabalho em Portugal (elevado desemprego de longa duração e vagas de emprego por preencher), concluímos que o desajustamento entre as competências que as empresas procuram e as que os candidatos apresentam podia justificar esta situação, a par da erosão do capital humano que o desemprego longo gera. Outro fator que não pode ser menosprezado na explicação do elevado desemprego de longa duração prende-se com a generosidade do sistema de concessão do subsídio de desemprego.⁶

3. Ver «Livro Branco: Mais e melhores empregos para os jovens 2022», da Fundação José Neves.

4. Em 2021, 65% dos trabalhadores por conta de outrem nas atividades administrativas & serviços de apoio eram profissionais não qualificados ou semi-qualificados (de acordo com o INE, são trabalhadores que desempenham tarefas essencialmente mecânicas/manuais, com pouca complexidade e normalmente repetitivas), de acordo com os quadros de pessoal (2021).

5. À data da elaboração deste artigo, não existiam dados para Dinamarca, Estónia, Malta e Roménia.

6. A taxa líquida de substituição no desemprego, ou seja, a proporção de rendimento líquido que se mantém após x meses de desemprego, era de 75% ao fim de 24 meses de desemprego em Portugal, em 2022, o que compara com 21% no conjunto dos países da OCDE. Para mais informações, ver Focus «Elevado desemprego de longa duração e vagas de emprego em máximos: que paradoxo é este no mercado de trabalho?», no IM 01/2023.

Ainda que não tenha um peso muito assinalável, o número de estrangeiros sem emprego tem vindo a aumentar em Portugal. No 1T 2023, eram 40.000, o equivalente a cerca de 11% do desemprego total (cerca de 4% no 1T 2022). Assim, no 1T, a taxa de desemprego dos estrangeiros era de 13,5%, quase o dobro da taxa de desemprego registada para o conjunto da população. Com estes dados, Portugal regista a quarta taxa mais elevada no conjunto dos países da UE para os quais existe informação. Este dado é particularmente importante pela maior vulnerabilidade dos estrangeiros em períodos de fraca atividade económica.⁷

Por fim, resta analisar qual o último sector onde a pessoa desempregada esteve a exercer a sua atividade. De acordo com os dados mensais do desemprego registado nos centros de emprego, o principal sector gerador de desemprego tem sido o das atividades imobiliárias, administrativas & serviços de apoio, de onde eram provenientes cerca de 33% dos desempregados em julho. Segue-se o sector do comércio e alojamento & restauração, com 10,1% e 8,7%, respetivamente.

Em conclusão, a caracterização dos desempregados é importante para desenhar políticas públicas direcionadas, de forma a facilitar a sua reintegração no mercado de trabalho. Sabemos que uma situação de desemprego afeta vários domínios na vida dos indivíduos, incluindo a própria saúde, com impacto na sua integração no contexto laboral, no dia-a-dia e qualidade de vida, e até na atividade económica do país.⁸

Vânia Patrícia Duarte

7. Cabral, S. e Duarte, C. (2011). «Os imigrantes no mercado de trabalho português». Banco de Portugal (Boletim Económico).

8. Num estudo sobre o desemprego nos indivíduos do sector da construção em Espanha, os autores concluíram que o desemprego de longa duração é uma causa para o aparecimento de problemas mentais e que o impacto pode ser de tal forma significativo que pode atrasar a recuperação económica do país. Este artigo revela que a percentagem de diagnósticos de depressão crónica, ansiedade ou perturbação mental, incapacidade de tomar decisões, entre outros, é mais elevada nos desempregados, nalguns casos com diferenças substanciais (por exemplo, quase 17% dos desempregados considerava que não estava a desempenhar um papel útil na vida vs pouco mais de 4% no caso dos empregados). Ver Farré, L. et al. (2021). «O desemprego prejudica a saúde mental?».